
REVISTA TAKA'A

Roça tradicional como política de fortalecimento da língua *Apyãwa*

Ka, apyãwa xe'ga xywãatỹ

Traditional plantation as a policy to strengthen the *Apyãwa* language

Klebson Awararawoo'i Tapirapé

Mestrando do programa de pós-graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural-
PPGECII/UNEMAT

<https://orcid.org/0009-0003-7532-4341>

Mônica Cidele da Cruz

Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT

<https://orcid.org/0000-0001-6169-0760>

RESUMO

Neste artigo, apresentamos um trabalho de pesquisa, realizado durante o período de umas das disciplinas do Programa de Pós-Graduação em “Ensino em Contexto Indígena Intercultural” - PPGECII/UNEMAT que traz como tema a roça tradicional *Apyãwa*. Além disso, buscamos também, contribuir para o fortalecimento e manutenção da desse conhecimento em nossas aldeias, por meio da escola, que tem um papel muito importante no trabalho com a modalidade escrita dos saberes. A escolha para trabalhar esse tema se deu, ainda, pelo fato de nossas escolas possuírem pouquíssimas produções didáticas autorais específicas sobre nossos conhecimentos tradicionais. A metodologia do trabalho se compõe, primeiramente, de pesquisa com os anciãos, para o aprofundamento no estudo do tema. Num segundo momento, passamos ao trabalho pedagógico na escola, que foi mediado por mim, durante todo o processo de ensino e aprendizagem voltado para a roça tradicional *Apyãwa*, trabalhando na produção escrita. Outro propósito deste trabalho foi direcionado para aperfeiçoamento da minha prática pedagógica como professor, para que eu possa ter aquela serenidade de trabalhar sobre os saberes tradicionais *Apyãwa* com meus alunos e alunas. Queremos ressaltar que a produção de materiais sobre este tema foi muito relevante para as escolas das aldeias *Apyãwa*. Nossa cultura é viva, em pleno funcionamento, resistindo à presença da cultura ocidental. E mesmo nossa cultura

sendo forte, essa presença ocidental é uma das questões bastante preocupante na comunidade, uma vez que ela interfere no funcionamento da existência de nossa cultura *Apyãwa*.

Palavras-chave: Saberes tradicionais. Educação Escolar Apyãwa. Cultura.

MAREGETÃ MAATOREJXEÃWA

Ã te'omara pe a'era mō ãkome'o marygato ka paragetã Apyãwa reka pe. Axekwe kwee ã te'omara aapa irekawo xema'eãwoo pe wexema'eajpe. Xe'aranowa kwee imaxywaatỹwo apyãwa reka ka re, axekwe xema'eãjpe, imaxywaatỹwo Apyãwa xe'ega ranõ. ã te'omara re te'omaãwa kwee aoxekatoete wexetã agỹ we xema'eãjpe te'omaãwa ramo. Yg a'era mō ao'i'i we ika te'omara iapapyra ywyrabe Apyãwa rekareka re. A'era mō kwee âte'omarete ã te'omara re, axekwe wete'omata wexemima'e agỹ ramo xema'eãjpe. A'era mō kwee axekatoete awãxewete agy xe'egenopãwa ka apaãwa re, axekwe kwee âmagetã amõ agỹ te'omara ranõ, ipyyka i'ãranokatokwera ixowi. Emanyn apy kwee amapy wete'omata ã te'omara re, a'erẽ xowe kwee âtemat xema'eãjpe wexemima'e agỹ ramo, ikwãxiãta te'omara Apyãwa xe'ega pe xe. Axekwe kwee xe'aranowa wexemarekakatoetewo marama'eãra ramo, imaxywãatỹwo te'omara Aapyãwa xe'ega maxywãatỹãwa re xema'eãjp. Aoxekatoete a'era mō iapawo te'ora rekareka re, xema'eãjpe marama'eãra gỹ te'omaãwa ramõ. Axekwe a'era mō Apyãwa xe'ega ixywãatỹ we akawo, niwaxãj pane ro'õ na maira xe'ega xywãatỹ, axe tanã Apyãwa xe'ega niwaxãj we axywãatỹ ramõ. A'era mō axekatoete iapawo te'omara Apyãwa rekareka re.

Xe'egeteawyma: Apyãwa reka; Xema'eãwa; Marama'eãwa.

ABSTRACT

In this article, we present a piece of research carried out during the period of one of the courses in the Postgraduate Program in "Teaching in an Intercultural Indigenous Context" - PPGECII/UNEMAT, whose theme is the traditional Apyãwa farm. We also wanted to contribute to strengthening and maintaining this knowledge in our villages, through the school, which plays a very important role in working with the written modality of knowledge. The choice to work on this topic was also due to the fact that our schools have very few specific authorial didactic productions about our traditional knowledge. The methodology of the work is composed, firstly, of research with the elders, in order to deepen the study of the subject. Then we moved on to pedagogical work at the school, which was mediated by me throughout the teaching and learning process focused on the traditional Apyãwa farm, working on written production. Another purpose of this work was to improve my pedagogical practice as a teacher, so that I can have the serenity to work on traditional Apyãwa knowledge with my students. We want to emphasize that the production of materials on this topic was very relevant for the schools in the Apyãwa villages. Our culture is alive and kicking, resisting the presence of Western culture. And even though our culture is strong, this Western presence is a very worrying issue in the community, since it interferes with the functioning of our Apyãwa culture.

Keywords: Traditional knowledge; Apyãwa school education; Culture.

INTRODUÇÃO

Queremos trazer, primeiramente, nesse texto, uma breve apresentação de forma contextual sobre meu povo *Apyãwa*. Somos falantes da língua *Apyãwa* e estamos situados no extremo nordeste de Mato Grosso, na região Araguaia.

Residimos entre dois territórios indígenas, a saber: Terra Indígena Urubu Branco, localizada geograficamente entre três municípios: Confresa, Porto Alegre do Norte e Santa Terezinha-MT. A outra é a Terra Indígena Tapirapé/Karajá, situada no município de Santa Terezinha-MT, na qual se encontram dois grupos étnicos distintos: Iny/Karajá (Macro-Jê) e *Apyãwa*.

Nos relacionamos fortemente com a riqueza da natureza, praticando a caça, a pesca, a coleta de frutas e a agricultura, além de mantermos a nossa língua materna e a cultura de nossa ancestralidade. Atualmente a população do nosso povo *Apyãwa* é estimada em pouco mais de mil pessoas; e a população maior se encontra na Terra Indígena Urubu Branco, distribuída entre oito aldeias: *Tapi'itãwa*, *Tapiparanytãwa*, *Myryxitãwa*, *Akara'ytãwa*, *Wiriaotãwa-I*, *Wiriaotãwa-II*, *Towajaatãwa* e *Inataotãwa*.

Queremos, por meio desse trabalho, proporcionar conhecimentos relacionados à roça tradicional *Apyãwa*, e levantados por meio da minha análise e indagações feitas como pesquisador na promoção do meu artigo acadêmico durante o meu mestrado profissional na UNEMAT.

Nós, *Apyãwa*, ainda mantemos nossa cultura viva, relacionada à nossa roça tradicional e quanto à língua materna. Mas para que essa cultura continue viva, é preciso que as situações socioculturais sejam consideradas e vividas pelos *Apyãwa*, para fomentar uma política de valorização dos etnoconhecimentos na comunidade. Inclusive, esta se habitua conforme o empoderamento do nosso regimento escolar sobre os conhecimentos situados a roça. Ressalto que sempre há discussão sobre os saberes milenares lecionados pelos professores, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, respeitando o Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena Estadual *Tapi'itãwa*. Por sua vez, a alfabetização também acontece a partir das atividades ligadas ao conhecimento do povo, na forma lógica da concepção do ensino na Escola Indígena Estadual *Tapi'itãwa*.

Como professor atuante dessa escola e como pesquisador, tenho visto na comunidade, que a vitalidade desse conhecimento sofre bastante as interferências dos avanços da cultural

ocidental. E, à medida que as culturas ocidentais vão ganhando seus momentos no território *Apyãwa*, a gravidade se torna cada vez maior na comunidade e impacta diretamente a cultura *Apyãwa*. Nesse sentido, é preciso cada vez mais se fortalecer um trabalho na comunidade com discussões e reflexões para socializar e sensibilizar as populações inteiras sobre as questões instruídas no território. Em razão dessas situações, este artigo tem como objetivo primordial, discutira relação dos saberes ancestrais *Apyãwa* com a roça, nos tempos atuais.

Cabe ressaltar que este texto será de suma importância como registro de saberes tradicionais necessários para a comunidade, especialmente, sobre os itens normativos da roça tradicional, que é elemento fundamental na vitalidade do conhecimento *Apyãwa*. Sendo assim, apresentamos como oportunidade e enriquecimento deste trabalho a relevância sequencial do processo de construção da roça, no qual estão as regras relacionadas aos contextos epistemológicos *Apyãwa*.

A partir dessa reflexão, esta pesquisa se realizou, também, coma ideia de interagir com os conhecimentos relacionados ao bem viver dos *Apyãwa*. Embora as situações socioculturais sejam bem presentes na comunidade, ainda é preciso que se tornem base da discussão participativa por parte das lideranças e gestores da educação, no intuito de contribuir efetivamente para a vitalidade do conhecimento, por meio do registro promovido por esta pesquisa.

Nosso desejo é sempre realizar trabalhos de pesquisa para auxiliar na vida escolar dos *Apyãwa*, uma vez que se encontram pouquíssimas obras, especificamente, relacionadas aos conhecimentos ligados à roça tradicional *Apyãwa*. Assim,

Quando se pensa em trabalhar em sala de aula com uma metodologia que visa valorizar a cultura local, estimular a produção de material próprio para ser trabalhado em sala de aula, é protagonizar pela pesquisa colaborativa a produção de materiais pedagógicos específicos *Apyãwa* [...] (Zoja; Tapirapé, 2023, p. 11).

Quanto à vida escolar, focalizamos também na atualização cultural e linguística da comunidade, nas quais se caracterizam também a organização social do nosso povo. Portanto, destacamos que os anciãos como mestres tradicionais, os professores, lideranças e jovens sempre serão indispensáveis para a pesquisa na promoção do trabalho acadêmico. Por sua vez, os recursos bibliográficos, frutos de pesquisas teóricas e consultores nativos serão essenciais também para o aperfeiçoamento e enriquecimento deste trabalho.

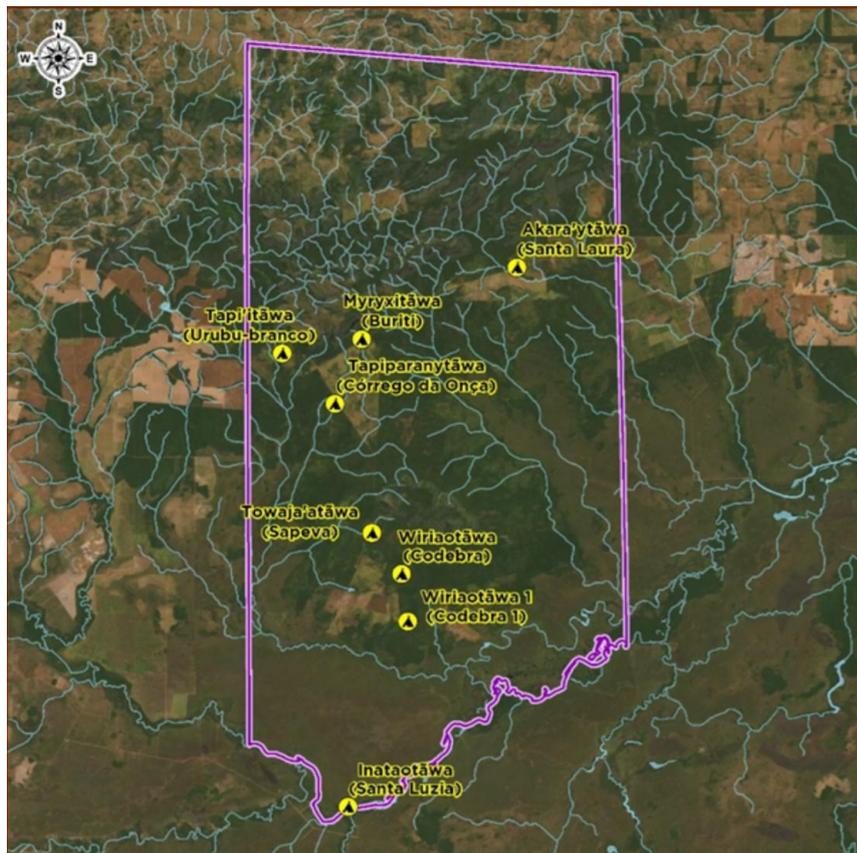
História do povo *Apyãwa* e nossas práticas tradicionais

O povo Tapirapé, na definição da sociedade ocidental, se autodenomina *Apyãwa*, que significa “nosso povo”, falantes da língua *Apyãwa*, pertencente à família linguística tupi-guarani do tronco Tupi (Rodrigues, 1986).

Ocupamos uma região da floresta amazônica no centro-oeste do Brasil, geograficamente, situada na região nordeste de Mato Grosso, município de Confresa, a qual se designou morfologicamente *Yrywo 'ywãwa* – (*yrywo*= urubu + '*y*'= água + *wãwa*= instrumental ou nominalizador). Koria (2019) explica que o significado dessa expressão está relacionado ao morro, onde os urubus ‘bebem água’.

Atualmente a população estimada, de acordo com a equipe da saúde, é pouco mais de mil pessoas na Terra Indígena Urubu Branco, distribuída entre oito aldeias: *Tapi'itãwa*, *Tapiparanytãwa*, *Myryxitãwa*, *Akara'ytãwa*, *Wiriaotãwa-I*, *Wiriaotãwa-II*, *Towajaatãwa* e *Inataotãwa*. Vejamos o mapa abaixo:

Figura 1: Mapa do Território *Apyãwa*



Fonte: Google, 2022

Nós, como povo *Apyãwa*, ainda mantemos nossa cultura e nossa língua materna vivas, pois nossa língua está intrinsicamente ligada à cultura, da mesma forma que nossa cultura está intrinsicamente ligada a nossa língua ancestral. Desse modo, a primeira aquisição de linguagem pelas crianças é na língua *Apyãwa*, assim como acontece com a maioria da população do nosso povo.

Já o português é a segunda língua falada pelo nosso povo *Apyãwa*. É importante destacar que, conforme o regimento escolar, a língua materna é lecionada tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio.

Nós sempre mantemos relações com os saberes do nosso povo, com a natureza, pois na verdade, a natureza para nós é fundamental para proporcionar uma vida equilibrada no mundo em que vivemos. A partir dessas relações, sempre respeitamos a natureza, valorizando as epistemologias proporcionadas milenarmente pelo nosso povo *Apyãwa*. Nossos ancestrais aplicavam as maneiras de educar, ou melhor, o processo de ensino e aprendizagens, a partir dessas relações conectadas com a natureza, transmitindo os saberes tradicionais.

Reforçamos aqui, expressivamente, que é assim que se move a nossa educação referente às nossas epistemologias, até chegar a nova geração. E é por isso que vemos a nossa política com olhar cognitivo de vitalizar a sabedoria milenar do nosso povo, a qual ainda mantemos viva no tempo presente.

Os rituais são elementos fundamentais dos conhecimentos milenares do nosso povo *Apyãwa*, os quais se realizam em cada determinado período. Trata-se de uma fonte dos saberes fundamentais do povo na preservação das nossas epistemologias. Quero destacar que todos os rituais têm suas origens a partir dos fatos mitológicos e dos fatos históricos reais do nosso povo *Apyãwa*.

Nesta faixa histórica de origem dos cantos, os *paxẽ* (xamãs) também são personagens principais no surgimento dos cantos, através dos seus conhecimentos cosmológicos. Os rituais são simbologias que determinam os *Apyãwa* como povo distinto na sociedade atual, por isso, ainda mantemos a nossa cultura e língua vivas para garantir a nossa epistemologia identitária.

A partir do momento que os rituais são praticados na comunidade, são estabelecidas relações com a natureza. Todos os rituais são sagrados e suas organizações normativas são de acordo com os padrões originários do nosso povo, pois existem alguns rituais que possuem os espíritos rigorosos, perigosos e que se tornam fatais para as pessoas que não honram suas

normas, como, o *Tawã* (cara grande), *Iraxao* (aruanã), *xaneramoja* (cerimônia de nosso avô). Estes são os rituais que têm os espíritos dos guerreiros mortos pelos guerreiros *Apyãwa*, por isso, temos muito respeito por eles.

Todos os rituais têm sua grande importância para serem praticadas, conforme as determinações culturais da comunidade para não cair no desuso. O fato é que os rituais são conhecimentos primordiais para mantermos a nossa cultura viva, tanto quanto os conhecimentos de língua presentes neles. São considerados como campo epistêmico, pois têm seus valiosos significados específicos, essencialmente importantes para vitalidade dos saberes da comunidade *Apyãwa*.

Com essas práticas narrativas orais, através dos rituais, ainda utilizamos fortemente a nossa língua e recordamos as falas que eram presentes e apreciadas pelos nossos ancestrais em ocasiões passadas. Ao ver essa realidade na comunidade, precisamos ficar atentos para as situações relacionadas aos rituais, buscando reflexões cognitivas para a valorização da cultura e de nossa língua.

Nesse sentido, nós, como detentores dos saberes tradicionais, temos o papel de analisar a situação com maior atenção para sensibilizar sobre a importância da nossa identidade étnica *Apyãwa*. À medida que vamos analisando as situações referentes à nossa cultura, vamos discutindo os casos necessários para despertara consciência de preservar os saberes milenares do nosso povo. A cultura está intrinsicamente ligada a identidade, à língua, uma vez que é “por meio dela que ocorre a manifestação e expressão da diversidade cultural das diferentes etnias. A cultura é o sinal mais evidente da consciência de um povo sobre si próprio, sobre sua identidade e seu destino” (Beltz, 2012, p.51). É e por isso que nossos conhecimentos tradicionais, tudo aquilo que é parte integrante de nossa cultura e identidade precisa ser transmitido às novas gerações, como forma de resistência, valorização e preservação de nossos saberes ancestrais.

A partir dos trabalhos que realizamos, como pesquisadores *Apyãwa*, buscamos sempre enriquecer nossa maneira de aprender e de ensinar, por meio das relações com a natureza, das observações e de escuta em determinados momentos e espaços. Por isso, sempre respeitamos a natureza de maneira crucial, situada no sentido da nossa formação humana. De acordo com Koria,

Nós *Apyãwa*, conhecemos a sabedoria, conhecimentos com a natureza. Nós acreditamos na palavra do XANERAMÔJA e dos paxê (xamãs). Na verdade, para nós

a natureza é mais poderosa do que Ywyrape (dinheiro). Nossos ancestrais foram educados na maneira que a natureza ensinou, ensinou a respeitar o mundo e eles nos transmitiram esse conhecimento e sabedoria. Neste processo, levamos a nossa sabedoria até chegar a nova geração. É sabedoria milenar que ainda é viva, ainda é presente. Aprendemos, a partir da observação, escutar, respeitar e amar, é maneira mais correta de aprender e viver, neste sentido amamos a nossa natureza, somos todos seres humanos no ponto de vista dos paxê (xamãs) e do XANERAMÓJA. Por isso, os filhotes dos animais cuidamos como pessoa, na verdade somos todos humanos, animais, peixes, plantas, pássaros abelhas... (2019, p.36).

Portanto, está dito que precisamos ter essa consciência de herdar nossas raízes ancestrais para vitalizar nossos conhecimentos milenares, uma vez que a nossa base de resistência está conectada com os nossos saberes tradicionais.

Percurso metodológico

Os procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa, sobre a roça tradicional, se concretizaram a partir das etapas de estudo de pesquisa, as quais estão descritas a seguir.

A princípio, a realização desta pesquisa ocorreu na minha aldeia que é denominada *Myryxitãwa*, na Terra Indígena Urubu Branco, município de Confresa-MT. Também buscamos informações sem duas aldeias: a *Wiriaotãwa*, onde moram meus pais e na *Tapi'itãwa*, que é aldeia maior do nosso povo, na qual se encontra a população maior, e é o local onde se realizam eventos culturais, como rituais e reuniões vinculadas às demandas da comunidade, porque é a única aldeia em que existe a *Takãra*. A *Takãra* é a casa cerimonial do nosso povo, construída no centro da aldeia com estrutura de quatro portas, ou seja, duas portas para o lado em que o sol nasce e duas portas para o lado em que o sol se põe. É uma estrutura milenar concretizada pelo nosso povo para simbolizar as subdivisões dos grupos sociais, *Wyraxiga* e *Araxã*, as quais preenchem cada metade da *Takãra*. A partir desses dois grupos, existem os subgrupos *wyraxigio* e *wyraonoo* que preenchem uma metade com os *Wyraxiga*. *Warakorã* e *Tarawe* são os subgrupos de *Araxã*, responsáveis para outra metade da *Takãra*. Ressaltamos que sem a *Takãra* não se realizam os rituais do nosso povo, pois ela é a fonte primordial para executá-los, além das outras práticas culturais. A *Takãra* é a fonte de conhecimentos do nosso povo, é nela que se aprende a maior parte do segredo da vida *Apyãwa*.

Retomando o percurso metodológico, nossa pesquisa se realizou por meio de visitas dialógicas nas aldeias, exclusivamente, na interação com os anciãos e chefe de rituais. A coleta de dados também foi a partir de registros visuais, gravações com ajuda do aparelho celular e anotações no caderno de campo para descrição do tema. Adotamos a pesquisa de campo

qualitativa, pois apresentou características significativas que corresponderam às necessidades de estudo e análise da roça tradicional *Apyãwa*. Ou seja, os dados ou informações foram extraídos por meio das observações, análises ou pequenas entrevistas, questionários sobre o tema da pesquisa. A pesquisa qualitativa é apresentada por Ferreira da seguinte maneira:

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador observa, seleciona, interpreta e registra as informações. Dessa forma, os resultados deste tipo de pesquisa são expressos na forma de transcrição de entrevistas, narrativas, apresentações de fotografias, desenhos, etc. Esses instrumentos são utilizados com a finalidade de aproximar e de conhecer o objeto e/ou o assunto, a temática, o fenômeno da pesquisa. O objetivo é compreender os significados do que está sendo estudado/pesquisado (2020, p. 17).

Nossa convivência na *Takãra* (casa cerimonial) para esta pesquisa foi o ponto referencial de obter informações relacionadas ao tema. Essa dimensão metodológica enriqueceu significativamente também o trabalho e ampliou a qualidade de documentação. Sendo assim, a descrição dos dados foi realizada a partir das informações coletadas nas entrevistas, pesquisas de campo e consultas bibliográficas, com objetivo de criar material de estudo e reflexão para valorização e atualização do nosso sistema da prática de construir a roça tradicional *Apyãwa*.

Sobre a roça tradicional *Apyãwa*

A roça é a base principal para sustentabilidade sociocultural do nosso povo *Apyãwa*, pois nela estão inter-relacionados vários saberes milenares, como os rituais, alimentos tradicionais, histórias, saúde, língua, entre outras coisas. A partir dessa pesquisa, podemos afirmar que a roça é um campo de conhecimento nosso, pois nela vivem os *Apyãwa*, explorando os saberes milenares que passam de geração a geração. É na roça que plantamos os alimentos para alimentar os *axyga* (espíritos), os quais denominamos de ritual *Iraxao* (Aruanã) e ritual *Tawã* (Festa da cara grande). São os espíritos de guerreiros mortos pelos *Apyãwa* nos fatos de conflitos com outros grupos étnicos.

E fundamental enfatizar também a importância das histórias de origem dos produtos da roça, pois cada um tem sua memória, conforme a sabedoria do nosso povo. Como existem vários plantios de roça, há também vários nomes e suas histórias, por isso, ela engloba vários saberes *Apyãwa*, ou melhor, as epistemologias que marcam a identidade do nosso povo. A roça é considerada como uma fonte de conhecimentos, pois dela se usufrui várias práticas culturais e uso da língua materna que são cruciais no fortalecimento da nossa identidade.

A roça é uma prática que fornece os alimentos saudáveis para nossa comunidade *Apyãwa*. Para o cultivo da nossa roça não utilizamos substâncias industrializadas, pois o fazemos de maneira orgânica. Com esse modo de cultivo, a prática de plantar a roça é de suma importância na comunidade, uma vez que é considerada como uma fonte de abastecimento do corpo *Apyãwa* de forma saudável, contribuindo para a saúde da população.

E como forma de contribuir para que esses conhecimentos estejam sempre vivos, nosso papel como professores indígenas é de promover as ações em favor dessa realidade, preparar os jovens para valorizar seus saberes, sem se desvincular do pertencimento étnico das raízes culturais e linguísticas. É preciso que nossas práticas pedagógicas tenham sentido e façam sentido para nossos alunos, que sejam dialógicas e que caminhem ao encontro de uma educação libertadora (Freire, 1982) e que atenda aos interesses de nosso povo, da escola que queremos.

Nesse sentido, as palavras de Franco (2016), ao falar sobre prática pedagógica diferenciada e dialógica, vão ao encontro daquilo que também pensamos. Então, vejamos:

Assim, um professor que sabe qual é o sentido de sua aula em face da formação do aluno, que sabe como sua aula integra e expande a formação desse aluno, que tem a consciência do significado de sua ação, tem uma atuação pedagógica diferenciada: ele dialoga com a necessidade do aluno, insiste em sua aprendizagem, acompanha seu interesse, faz questão de produzir o aprendizado, acredita que este será importante para o aluno (FRANCO, 2016, p. 541).

Concordando com a autora, manteremos nossos conhecimentos ancestrais de forma sólida, sem deixá-los no esquecimento, por isso, as ações dos professores com esse olhar é de extrema importância, pois assim, contribuiremos fortemente para a proteção do nosso modo de ser *Apyãwa*. Mas para isso, é preciso que a comunidade retome as atividades na roça, combatendo os alimentos industrializados, uma vez que são prejudiciais à nossa saúde.

Por meio da pesquisa, observamos que a roça não se faz em qualquer lugar, somente onde se encontra terra boa para plantar e produzir fartura de alimentos para o povo. No destaque do consultor nativo, o senhor José Miguel Awaetekato'i Tapirapé, nosso povo começa a fazer roça quando a fruta verde do cajá cai no chão. Com esta sinalização da natureza, nosso povo *Apyãwa* começa a trabalhar, fazendo a roça, segundo o senhor José Miguel. Os nossos ancestrais conheciam os marcadores de tempo para fazer roça através da natureza, ou seja, sabiam o tempo de início da roça, derrubada, queimada e plantio, explica nosso consultor. Então, é nesse período, que os homens *Apyãwa* começam as atividades de construir a roça para

sustentar suas famílias, conforme a regra protocolada no calendário tradicional, relacionado com a natureza. Após a derrubada, vem o plantio da roça por parte do nosso povo Apyãwa.

Conforme o conhecimento *Apyãwa*, a queimada da roça sempre se realiza no período da floração de pau d'arco. O período de tracajá sair na praia para desovar também sinaliza a queimada da roça do nosso povo, inclusive, o início da chuva. “É nesse período que sempre queimávamos a roça”, afirma o senhor José Miguel. Conforme a explicação do sábio *Apyãwa*, havia técnicas sagradas para fazer a queimada da roça, e aqueles que iam fazer a queimada sempre utilizavam essas técnicas sagradas, levando pena de jaburu ou rabo de arara para chamar o vento na hora de assentar o fogo na roça. Atualmente, há algumas técnicas que utilizamos para queimar a roça, principalmente o rito de pedir o vento através do canto. O chamamento do vento acontece no momento que o fogo é colocado na roça pelo dono. Quanto as outras técnicas, hoje já não se praticam mais.

O senhor José Miguel explica que o dono da roça sacudia a pena de jaburu ou rabo de arara, utilizando um canto sagrado para chamar o vento. Com essas técnicas sagradas, é que a natureza oferece ventos bem intensos para que a roça se queime bem direitinho. Essas informações foram muito importantes para mim e para os jovens, pois precisamos aprender e compreender as sabedorias com os nossos anciãos.

E para complementar o que dissemos anteriormente, trazemos as palavras de Kupodonepá e Ferreira (2014, p. 5), pois nos dizeres dos autores,

[...] pensar a roça nos leva a pensar as formas de produção, os conhecimentos próprios do nosso povo, as alterações sofridas ao longo do tempo e, principalmente, pensar que a roça é importante porque é um dos lugares onde conseguimos os nossos alimentos. Plantar é uma das tecnologias mais antigas e uma tecnologia que se modifica, e ao mesmo tempo, permanente, porque todos precisam se alimentar.

Sendo assim, é importante destacar que, inicialmente, no cultivo da roça, sempre plantamos mandioca, macaxeira, abacaxi, algodão e cará. Depois é que cultivamos outros produtos, como: melancia, milho, abóbora, amendoim, batata doce entre outros. Portanto a roça é a base principal para sustentabilidade do nosso povo *Apyãwa*, finaliza nosso consultor. Abaixo, apresentamos um quadro com os produtos que plantamos e colhemos em nossa roça.

Quadro 1: Produtos da roça Apyãwa

Nomes na língua materna	Nomes em português
<i>Mani'aka</i>	mandioca
<i>Wajkyra</i>	macaxeira
<i>Xatyka</i>	batata-doce
<i>Maraxi</i>	melancia
<i>Awaxi</i>	milho
<i>Korowã</i>	abóbora
<i>Monowi</i>	amendoim
<i>Tatã</i>	banana
<i>Korowãywyrã</i>	mamão
<i>Iky'yja</i>	pimenta
<i>Mani'ãkãwa</i>	espécie de mandioca, mas serve somente para fabricar <i>kawĩ</i> (bebida tradicional do nosso povo).
<i>Komana'iywyrã</i>	feijão andu
<i>Karã</i>	inhame / cará

Fonte: Klebson Awararawoo'i Tapirapé (2024)

Conforme a memória do nosso povo, aprendemos que há técnicas de plantar nossos produtos da roça. As pessoas que vão construir a roça precisam falar para os plantios na hora de plantar, pois é desta maneira que nossos ancestrais plantavam os produtos da roça. Segundo nossos mestres tradicionais, os plantios ouvem as mensagens das pessoas, os plantadores precisam falar para que os plantios cresçam mais rápido e produzam muita fartura de alimentos para sustentar a família. Na cultura do nosso povo, a maior parte dos produtos da roça é cultivada pelos homens, mas as mulheres e crianças participam também. No entanto, existe também o plantio da roça e a colheita feitas somente pelas mulheres, como *xetyka* (batata-doce). E da mesma forma ocorre no momento de plantar mandioca, ou seja, o cultivo e colheita se realizam somente pelos homens. É importante destacar, também, que ocorre o cultivo de alguns produtos da roça somente pelos homens, sendo que a colheita é responsabilidade das mulheres, como, amendoim e feijão andu. Esses segredos de plantar os produtos da roça são repassados para as novas gerações. As crianças aprendem esses conhecimentos, quando acompanham os seus pais na roça. Portanto, os produtos da roça são de extrema importância para manter a vida saudável do nosso povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa contribuiu bastante para a minha formação acadêmica, em relação aos conhecimentos que buscamos sobre a nossa roça tradicional, considerando que os saberes estão em nosso território, esperando alguém se integrar com eles. E é isso que precisamos compreender no contexto da educação *Apyãwa*, ou seja, que os conhecimentos tradicionais não fiquem no esquecimento da própria comunidade, mas sempre em movimento e valorizados.

Acredito que nós, professores, temos um papel importante nesse processo de ensino e aprendizagem, que é o de contribuir para a valorização e o fortalecimento de nossos saberes ancestrais, considerados epistemologias *Apyãwa*.

Durante nossa pesquisa, coletamos direitinho os nomes de muitos produtos da roça, os períodos de plantação e colheita, as técnicas de plantar, as plantas que são cultivadas somente pelas mulheres e muitos outros conhecimentos.

Foram muitas reflexões relacionadas às atividades produzidas, a partir do trabalho pesquisado. Ressaltamos que, certamente, foi um dos grandes aprendizados para nós, enquanto professor e uma experiência bastante rica, pois, com certeza, colaborou muito para o aperfeiçoamento da minha prática pedagógica.

As anotações durante a entrevista foram essenciais, porque são registros que colaboraram muitíssimo na elaboração do trabalho. A partir dessa experiência de pesquisa acadêmica, procuramos ensinar nossos alunos como ser estudante *Apyãwa*, bem como, um bom pesquisador reflexivo na condição de sensibilizar sobre a nossa realidade.

Não podemos deixar de dizer que a escola, desde que adentrou nas comunidades indígenas, incomodou um pouco o processo de ensino e aprendizagem das crianças e jovens em relação à educação tradicional. Fazemos essa análise referente a escola, porque tem diminuído a liberdade das crianças e jovens no acompanhamento de seus pais nas atividades tradicionais. Por outro lado, compreendemos que escola é um espaço importantíssimo para dialogar com as crianças e jovens de forma reflexiva e sensibilizada, para manter nossa cultura e língua vivassem abandonar nossas raízes ancestrais. Enfim, ela precisa ser “um espaço de pesquisa e de produção de conhecimentos e de reflexão crítica por parte de todos que participam dela” (Brasil, 1998, p. 43).

Por isso, desenvolver uma prática pedagógica, em diálogo com os nossos conhecimentos tradicionais é fundamental para o aprendizado e formação dos nossos alunos, tanto quanto para a nossa experiência docente na área da educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BELTZ Leilacir. **Roças Indígenas no Estado de Mato Grosso: Educação Ambiental e Sustentabilidade entre os Estudantes da Faculdade Indígena Intercultural – Cáceres**. Mato Grosso, Brasil 2012.

FERREIRA, Waldinéia Antunes de Alcântara. **Metodologia da Pesquisa Educacional: pedagogia intercultural**. Cáceres: Layout Gráfica, 2020.

FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. **Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito**. R. Bras. Est. Pedag. [online]. 2016, vol.97, n.247, pp.534-551. ISSN 2176-6681. <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

KUPODONEPÁ, Jairton. FERREIRA, Waldinéia. Antunes. de Alcântara. (2024). A roça tradicional: aspectos da ancestralidade e pedagogia Balatiponé-Umutina na etnomatemática. **Revista Taka'a**, 1, e392304. Recuperado de <https://periodicos.unemat.br/index.php/rtakaa/article/view/12452>

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

TAPIRAPE, Koria Valdivane. **A formação do corpo e da pessoa entre o Apyãwa—resguardos, alimentos para os espíritos e transição alimentar**. UFG, GO. Dissertação do mestrado, 2019.

ZOIA, Alceu. TAPIRAPÉ, Taroko Edimundo. E. (2023). Desenho e escrita no mundo da criança Apyãwa: práticas pedagógicas interculturais. **Revista Taka'a**, 1, e2023001. Recuperado de <https://periodicos.unemat.br/index.php/rtakaa/article/view/11718>

CONSULTOR NATIVO

TAPIRAPÉ, José Miguel Awaetekato'i. **Saberes sobre a roça Apyãwa**. Epistemologias *Apyãwa*, T.I Urubu Branco. Aldeia Tapi'itãwa, 2024.
Histórico

Submetido: 20 de abril de 2024.

Aprovado: 01 de junho de 2024.

Publicado: 03 de junho de 2024.

Licença de Uso

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito deve ser atribuído o devido crédito de Autoria e publicação inicial neste periódico.

